



# **COLÉGIO-ORFANATO DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE**

## **ENQUADRAMENTO HISTÓRICO**

As origens tradicionais do edifício religioso, baseiam-se na dádiva de uma formosa imagem da Virgem com o Menino, de madeira estofada, que o falecido prior da freguesia, João Simões, havia trazido de Roma e conservado, longos anos, em oratório privado. Baptizada de Nossa Senhora da Saúde, esteve na Igreja Matriz, onde se fundou a respectiva confraria, até que o povo a transferiu para a ermida suburbana de São Sebastião e dela saiu, em solene procissão para a actual, no ano de 1658, data presumível da sua sagração.

A irmandade, decerto aprovada eclesiasticamente possuía anexas umas casas onde viviam recolhidas algumas devotas mulheres, viúvas e de idade, que tratavam da obra sagrada.

Maria de São José Pereira do Carmo, em cédula testamentária de 5 de Agosto de 1721, deixou imobiliários destinados à criação de um recolhimento religioso, integrado na terceira ordem da descalcez de Nossa Senhora do Monte do Carmo e nomeou testadora Violante Perpétua de Jesus Maria, sua jovem companheira que, no ano de 1758 fez baixar a petição ao prelado de Évora e dele obteve, por licença do governador metropolitano D. Vicente da Gama, com data de 16 de Fevereiro de 1761, autorização para a vivência comunitária, após ser ouvido o respectivo pároco e a Câmara, que a Vereação de 30 de Dezembro despachou favoravelmente, segundo o requerimento de doação do Sacrário, como reza o documento.

Simultaneamente, a mesma senhora fundou institutos congéneres em Borba e Vila Viçosa, mas surgindo posteriormente complicações levantadas pelo ordinário, os mesmos foram dissolvidos e abandonados. Todavia, a sua reintegração mereceu o aplauso da corte de D. Maria I, a qual, em aviso régio de 7 de Dezembro de 1777, assinado pelo Visconde de Vila Nova de Cerveira, secretário do Ministério dos Negócios do Reino, determinou ao Arcebispo D. João Cosme Cardeal da Cunha, autorização para a respectiva reabertura.

O provisor-desembargador Pascoal Rodrigues da Costa oficiou neste sentido, em 24 de Fevereiro de 1778 ao vigário da vara de Redondo, beneficiado Pedro Gomes da Silveira, determinando o acto de posse na pessoa de D. Violante Perpétua, ainda viva, cerimónia que teve efeito no dia 21 de Outubro do mesmo ano ficando, como sempre, o recolhimento sujeito à Câmara Eclesiástica.

D. Frei Joaquim Xavier Botelho de Lima, arcebispo metropolitano, visitou o edifício em Junho de 1786, confirmando a regente e a observância da regra carmelita, taxando o montante de dotes das pretendentes.

O Instituto continuava porém a viver precárias circunstâncias económicas, com receitas provenientes sobretudo de esmolas dos romeiros e benfeitores locais até que o provimento do Padre António José da Costa Velez, como pároco da Matriz em 1787, modificou as estruturas do estabelecimento social, pois este sacerdote tornou-se o mais veemente impulsionador da obra e ampliou o seu funcionamento com a admissão de 12 orfãs e o ensino de aulas públicas até ao número de 50 meninas.

Para esta efectivação contribuiu fundamentalmente D. Antónia Luciana Galega, viúva de Álvaro Rebocho Varela, que depois de melhorar grandemente a Igreja, instituiu nela uma capela de missas quotidianas com o fundo de 10 000 cruzados e, em 15 de Dezembro de 1808 a dotou com mais 25 000 para sustentação do orfanato e das mestras de ensino público.

D. Frei Manuel do Cenáculo<sup>1</sup>, que desde o ano de 1806 protegia o recolhimento, confirmou a obra assistencial e deu-lhe início formal em 4 de Novembro de 1811. Era regente Catarina Angélica dos Prazeres. Os regulamentos, segundo estatutos coordenados pelo Prior da Freguesia, tiveram aprovação eclesiástica em 29 de Janeiro de 1812 e homologação no dia 22 de Novembro de 1817, segundo minuta original da vigararia e resíduos da vila. Francisco Gonçalves Grulha e o secretário António Estevão de Lima escreveram o diploma.

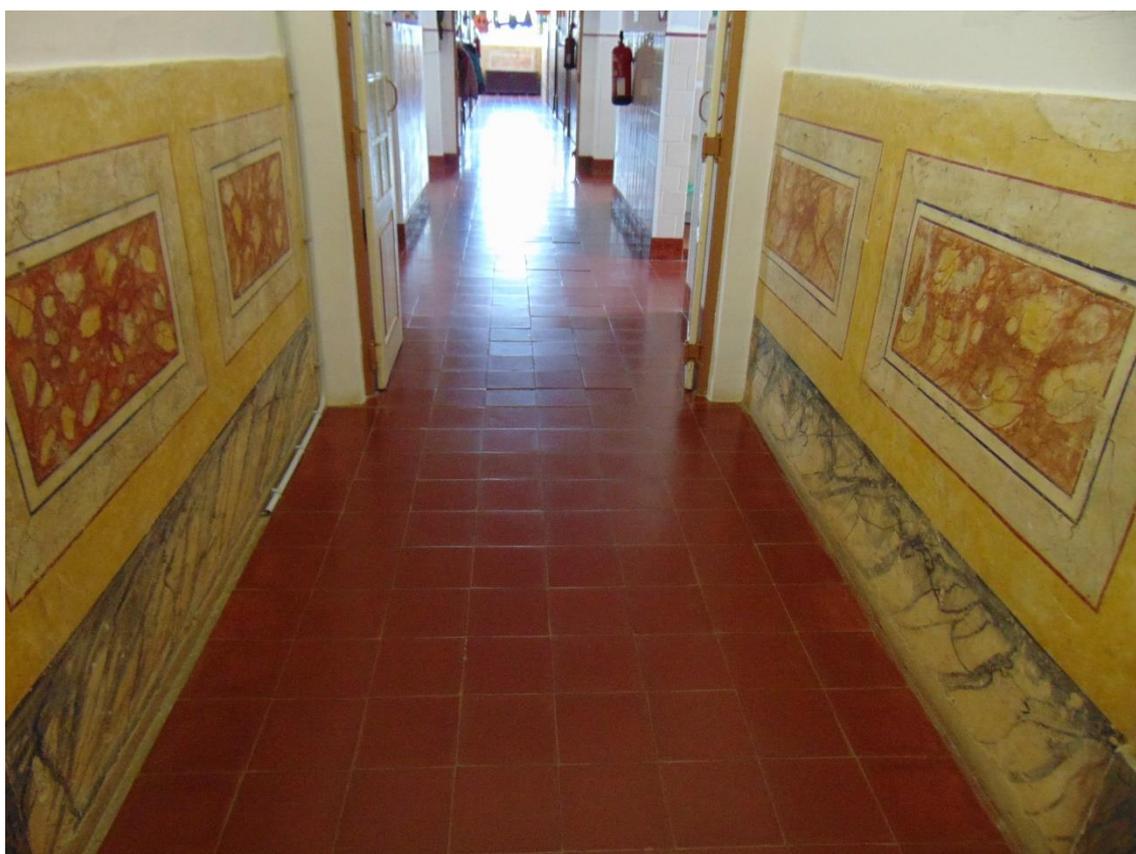
---

<sup>1</sup> Célebre bispo de Beja e arcebispo de Évora; um dos prelados mais respeitáveis, venerandos e ilustrados de Portugal. Nasceu em Lisboa no dia 1 de março de 1724, faleceu em Évora a 26 de janeiro de 1814 na avançada idade de noventa anos incompletos. Quando contava dezasseis anos de idade professou na ordem Terceira de S. Francisco, a 25 de março de 1740, no convento de Nossa Senhora do Jesus. Coursou os estudos de humanidades, e depois teologia na Universidade de Coimbra, em que se doutorou a 26 do maio do 1749, tendo já exercido o magistério por três anos no Colégio das Artes, e logo em 1750 foi a Roma assistir ao capítulo geral da sua ordem. Voltando a Portugal, seguiu para Coimbra, a fim de reger uma cadeira de teologia, regência que exerceu desde 1751 até 1755. Em 1768 foi eleito provincial da Ordem Terceira em Portugal, e deputado da Mesa Censória em 21 de abril. Em 1770, foi nomeado bispo do Beja, sendo o primeiro bispo dessa diocese criada também em 1770, desmembrada do arcebispado do Évora. Além disso, foi nomeado sucessivamente presidente da Junta da Providencia Literária, criada para tratar da reforma dos estudos, e finalmente presidente da Junta do Subsídio Literário em 10 de novembro de 1772. Quando Cenáculo partiu de Beja para Évora, levou consigo uma parte das antiguidades que tinha coligido, e eram de mais fácil transporte, São esses objectos os que constituem na biblioteca de Évora uma colecção muito valiosa, apesar dos extravios resultantes da invasão dos franceses. Cenáculo havia reunido no paço episcopal de Beja uma colecção de perto de cento e sessenta lápides de toda a sorte, incluindo alguns fragmentos de escultura e de arquitectura, assim como uma série de inscrições da idade média e modernas. Na biblioteca pública de Évora, fundação do mesmo venerando arcebispo, existem sob o n.º CXXIX, 1,13 e com o título de *Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, desenhos exactos de todas as ditas inscrições, feitos, ao que parece, por Félix Caetano da Silva. Foi sobretudo um grande fundador de bibliotecas. A do convento de Jesus em Lisboa, hoje da Academia Real das Ciências, foi por ele fundada; à Biblioteca Pública de Lisboa deu valiosos presentes, no palácio episcopal de Beja fundou uma excelente biblioteca de nove mil volumes, que deixou, quando partiu para Évora. Nesta cidade fundou duas, uma pública, que é a actual biblioteca eborense, outra rica em raridades históricas e bibliográficas, e em medalhas e outras preciosidades. Cenáculo mantinha relações e correspondência com todos os homens de letras que em Portugal viviam no seu tempo.

## O EDIFÍCIO

A descrição do edifício foi efectuada com base na documentação disponível. Tendo em conta as diferentes utilizações dos espaços, é possível que a caracterização aqui efectuada tenha sofrido substanciais alterações.

De frontaria orientada ao lado norte, a parte principal do edifício, obra do ocaso setecentista, olha para a avenida Dr. Barahona. De sóbria construção oblonga de alvenaria, dispõe-se em pavilhão de dois pisos rasgados de portadas e janelas vulgares, sendo as do corpo superior molduradas e as inferiores completamente lisas. Para o lado oposto, com terraço destinado às recolhidas e sem visibilidade para o povoado, levanta-se a torrela quadrada e de cobertura de quatro águas, rematada por pináculo piriforme, de mármore.



**Figura 1** - Pinturas de tinta de água geometrizes de 1830



**Figura 2** - Pinturas de tinta de água geometrizarantes de 1830

Interiormente, os alçados da escadaria são revestidos de pinturas de tinta de água, geometrizarantes, de cerca de 1830. A espadana que daqui se alcança, erecta na correspondência do coro alto e obra da mesma reforma, mantêm o velho sino de bronze fundido, datado de 1720 e composto por cruz em forma de estrela, de andares.

A portaria, outrora envolvida por assentos de pedra destinados a repouso das meninas, em comunicação elevada e de pedra cornijada, hoje obstruída, fica ao nível da fachada da igreja, que tem empena triangular rematada por cruz de mármore, janelão gradeado e emoldurado, com painéis de escaiolas coloridas, que dá acesso ao vasto alpendre de cancelos cilíndricos de ferro forjado.

Trata-se de uma obra de finais do século XVIII, que originou a edificação do coro e que manteve todavia o vão da profunda galilé, com tecto de penetrações,

caiado de branco e alto rodapé de azulejos monocromos de azul e decoração florícola.

A porta granítica e adintelada, alcança-se por escadaria de cancelos férreos. Os batentes de madeira almofadados e ornatos de talha dourada, foram concebidos no ano de 1801 (cronograma no espelho).

No alçado do oriente, exterior, existe uma das estações da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, de mármore branco regional, trabalho de notória singeleza arquitetónica, do início do século XIX.

O templo, nos volumes originais dos fundamentos seiscentistas, embora melhorado em 1800, dispõe-se em nave e capela-mor de planta rectangular, com abóbada demeio canhão, liso o primeiro e ornamentado o segundo pelo emblema circular relevado dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

O guarda-vento, que protege a entrada, de madeira, conserva, no céu, o escudo pintado da venerável Ordem Terceira do Carmo. Lambril de azulejos do tipo de tapete, de azul e branco, naturalistas, de cerca de 1700, abraça os prospectos da nave, interrompidos por dois tardios altares de madeira engessada de azul, com pilastras de sanefas e grimaldas douradas, do estilo neoclássico de D. Maria I, já oitocentistas e executados a expensas do legado de D. Antónia Luciana Galego.

Estão dedicados actualmente a Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora de Fátima, tendo sido primitivamente consagrados aos cultos de Jesus e de Maria, como revela a existência dos corações esculpidos no cimafrente. Na composição dos novos frontais aproveitaram-se arbitrariamente, formando emolduramento, azulejos do padrão anterior e outros coetâneos, policromos.

O santuário principal, antecedido por arco-mestre redondo, de estuques amosaicados, tem rodapé cerâmico de amarelo e barras entrançadas de azul, encomenda de carácter industrial e produção seriada, sem valor artístico, dos finais do reinado de D. João VI.

De boa traça é o retábulo, de talha dourada e do estilo clássico, com colunas coríntias, de terço floral e frontão recurvo, ornado de meias pilastras e lambrequim com frutos e florões, centrado na Coroação da Virgem, pintura sobre tela, coetânea. Fechando a cimalha, encontra-se uma bela moldura de

ornatos reticulados. No camarim subsistia e era exposta em dias festivos o grande painel da Sagrada Família, também pintado a óleo sobre tela e da mesma época.

O conjunto retabular sofreu alienação de dois quadros de assuntos marianos, talvez os existentes na sacristia, quando da abertura desastrada dos nichos laterais onde se expõem, no presente, imagens de gesso feitas no Porto. Existiam também dois bons lustres de cristal e aros de metal dourado e coroados, suspensos na boca da capela, preanunciando a arte do Estilo Império e talvez fabricados na Marinha Grande nos alvares oitocentistas.

Destaca-se também um par de credências de madeira pintada e da mesma época, ainda de pernas recurvas e que terminam o núcleo de peças cultuais aqui subsistentes.

A única sepultura pavimentar do templo, de mármore branco, da padroeira do recolhimento, está no eixo do santuário com a seguinte inscrição:

**AQUI JAZ**

**ANTONIA LUCIANA GALLEGA**

**VIUVA**

**DE ALVARO RABOCHO VARELLA**

**TENDO VIVIDO EXEMPLAR**

**ENTE; SOCORRIDO OS PO-**

**BRES; INSTITUIDO NESTA IGREJA**

**QUE REPARARA CA**

**PELLA DE MISSA QUOTIDIA**

**NA E DOTADO O RECOLHI**

**MENTO CONTIGUO PARA**

**AMPARO DAS ORFÃS, E EDU-**

**CAÇÃO DE MENINAS, ELE**

**GEO ESTE LUGAR PARA**

**SUA SEPULTURA PERPETUA**

**A FALECEU AOS 20 DIAS**

**DO MEZ D. ABRIL DO ANNO**

**DE 1809.**

**REQUIESCAT IN PACE**

**AMEN.**

O coro alto, da reforma de cerca de 1800, está decorado completamente com pinturas de tinta de água geometrizantes, executadas a partir de 1828 por um pintor espanhol de nome desconhecido, com a colaboração do incipiente artista redondense João Anastácio da Rosa<sup>2</sup> (que era sobrinho daquela testadora), assim como o antecoro datado na cobertura de 1833.

---

<sup>2</sup> Nasceu no Redondo em 1812. Era filho de um abastado lavrador alentejano que lhe destinara desde muito cedo uma carreira eclesiástica. Consegue contrariar a vontade do pai e matricular-se numa escola de artes para dar corpo à sua vocação para o desenho e para a pintura. Com apenas quinze anos inicia a prática das artes na Escola Régia, em Lisboa, com notáveis pintores da época, que lhe auguram grande futuro nas artes plásticas. A guerra civil interrompe-lhe os estudos e a formação artística. Após o regresso do exército prossegue então a sua arte e desenvolve o gosto pelo retrato, que o leva ao convívio com as gentes do teatro, em particular com o ator Epifânio, um homem extremamente culto e dotado de superior inteligência, que foi um dos artistas da sua geração que mais contribuiu para a renovação do teatro português e com quem manteve uma grande amizade. Seduzido pelo palco, João Anastácio Rosa decide frequentar as aulas do comediante Emile Doux, então radicado em Lisboa para formar uma nova escola de teatro assente na linha romântica francesa, e rapidamente abraça a carreira de ator. A sua estreia acontece em 1839, tinha ele vinte e sete anos, no Teatro da Rua dos Condes, no drama “Maria Tudor”. O seu percurso nas artes plásticas acabaria por transformá-lo num dos profissionais mais completos do seu tempo, quer como ator, quer como ensaiador, cenógrafo, figurinista e aderecista, colocando todo o seu talento plástico ao serviço do teatro. Mas é efetivamente como ator que ele deixa uma marca indelével na história do teatro português, onde se regista como «exemplares» as suas criações nos espetáculos “O Estudante de S. Ciro” e “A Profecia ou A Queda de Jerusalém”.

Ator residente do Teatro D. Maria II desde a sua inauguração, em 1846, João Anastácio Rosa representou ali alguns dos mais importantes papéis da sua vida, com destaque para as criações nas peças “O Alfageme de Santarém” e “Frei Luís de Sousa, ambas de Almeida Garrett. Mas foram sobretudo as suas prestações nos espetáculos “O Morgado de Fafe em Lisboa” de Camilo Castelo Branco e “Jóias de Família” de César Lacerda, levados à cena naquele teatro no início dos anos 1860, que originaram o convite da Comédie Française para realizar um estágio de vários meses naquela importante companhia em 1863. Findo aquele estágio, subsidiado pelo governo português, João Anastácio Rosa decide abandonar o D. Maria e fundar a sua própria companhia, para – segundo ele – melhor praticar e aprofundar o que aprendera. Seguiram-se dez anos de empenho e dedicação, levando o teatro a quase todo o país, divulgando grandes textos, criando novos públicos e formando jovens atores. Faleceu em Dezembro de 1884.



**Figura 3** – Pinturas de tinta de água do século XIX

Tem grade de madeira, mutilada depois de 1910 e alguns nichos parietais onde se acumulam esculturas de madeira, terracota e roca, certamente retiradas dos altares da igreja e ainda pinturas sobre tela, destacando-se, nesta secção, um painel sobrepujante à tribuna, representando a Veneração de Nossa Senhora do Carmos pelo seu Augusto Filho, Santa Ana, São Joaquim e São José. Da imaginária tem algum interesse artístico São Bento, dourado (século XVII), um Apóstolo, Santo António, São Brás, Virgem Orante e a Piedade.

O coro de baixo, sombrio e igualmente revestido de coloração mural, de grinaldas ou apainelados geométricos e tecto composto pelo emblema da Ordem Carmelita, do mesmo modo cronografado de 1833, conserva, no fundo, três nichos envidraçados, envolvidos por um núcleo de pinturas adosseladas, sendo o central decorado pela interessante escultura de Santa Rita de Cássia, de madeira pintada e de características barrocas do tempo de D. João V, com cerca de um metro de altura.



**Figura 4** – Emblema da Ordem Carmelita do século XIX

De profunda devoção locativa subsiste no local, no lugar, um dramático ex-voto envidraçado, de busto do Senhor da Cana Verde, de barro cozido, do século XVIII, que o povo baptizou de Senhor dos Aflitos.

Curiosos são, na sacristia, a porta de ligação à Igreja e o paramenteiro, de madeira almofadada e de tabelas losânicas, rectangulares e de cunhas

estilizadas, em tons avermelhados e de concepção invulgar, embora populista. Trata-se de uma obra de cerca de 1700.

Na dependência guardavam-se algumas cadeiras antigas de braços e espaldar, setecentistas, dois quadrinhos de pintura sobre tábua, do tipo maneirista de finais do século XVI, representando Santa Catarina de Alexandria e Santa Luzia. Encontram-se também duas telas mais tardias, também pintadas ao alto, figuradas pela Anunciação da Virgem e Presépio, que poderiam ter pertencido ao retábulo do altar-mor.

O lavabo, de mármore branco, colocado na passagem para o trono, decorado, no tímpano, por volutas com enrolamento, centrado pela cruz e dois esguichos laterais de bronze. Tem o seguinte monograma datado:

**N.S. 1658 D.S.**

Trata-se de uma peça de arte barroca provincial.

As dimensões interiores da Igreja são as seguintes: a nave tem 11,70 metros de comprimentos e 6,25 metros de largura. Relativamente à capela-mor, o comprimento é de 5,40 metros e 4,40 metros de largura.

No interior do conservatório não existe nada digno de registo no domínio monumental ou patrimonial; o claustro ou pátio da comunidade, de alvenaria alvitente e de planta quadrangular, dispõe-se em duas arcadas plenas, por banda, de pilares elevados e estreitos, da ordem dórica, calçado de lajes de ardósia da Serra d'Ossa. O tecto é de penetrações e terraço aberto com grilhagem de tijolo cortado em triângulos. Trata-se de uma obra do século XVIII e do tempo do primitivo recolhimento freirático.

Nele se abrigam as duas antigas classes e a reitoria, de portas sem ralos, sendo aquela, bem iluminada para o lado da cerca e de planta rectangular, com pequeno oratório de talha. O tecto de barrete de clérigo está completamente decorado por frescos neoclássicos da reforma oitocentista, centrado por ancho emblema carmelita.



**Figura 5** – Tecto de barrete de clérigo, na antiga reitoria, com pinturas a fresco do século XIX

Com certa grandeza se desenha a escadaria de comunicação ao antecoro alto, marmórea e de espelhos forrados de azulejos de azulejos monocromos, idênticos aos do corpo do alpendre. Os dormitórios, localizados ao sul, voltados para cerca, repousam em arcaria de volta redonda, foram construídos durante a reforma oitocentista.

No actula refeitório guardava-se um precioso conjunto rectangular, emoldurado por treze painéis de pequena dimensão pintados sobre tábuas, do temático da Paixão de Cristo, de feitura portuguesa quinhentista da Renascença, de inspiração italiana.

Os quadros miniaturais, de boa e delicada execução anónima, embora de parceria, distribuem-se na cronologia dramática dos últimos passos e morte do Messias, colocados em forma de políptico. A Ceia (axial); Jesus no Horto, Prisão do Senhor e Fúria de São Pedro, Cristo na presença do Sumo Pontífice, Jesus e Caifás, a Flagelação, Coroação de Espinhos, Julgamento de Cristo, Calvário, Pietá e Ressurreição. Na moderna portaria vêem-se duas telas setecentistas, de

reduzido valor artístico, representando Santa Ana e a Virgem e a Sagrada Família.

O edifício pertence agora a e não tem qualquer tipo de proteção legal. Em 1994, iniciou-se o processo de classificação através do IPPAR. No entanto, em 2004, o processo foi encerrado pelo IGESPAR.

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:**

Actas da Câmara de Redondo, 1758-63

BARATA, António F., O Alentejo histórico, religioso, civil e industrial, 1893

ESPANCA, Túlio, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, Volume 1, Lisboa, 1978

LEAL, Pinho, Portugal Antigo e Moderno, VIII

MARIA, Frei Agostinho de Santa, Santuário Mariano, VI

VELEZ, P. António da Costa, Memórias relativas ao Conservatório de Nossa Senhora da Saúde da Villa do Redondo, Cód. CXXIX, 2-II, da Livraria da Manisola, Biblioteca Pública de Évora.

Autoria :

Tiago Passão Salgueiro

Março de 2019